

EXPANSÃO DO SUFIXO – INHO

Vittorio Bergo
Colégio Pedro II

Ao contrário do que supuseram autores de estudos atinentes ao Latim Vulgar, os quais, ao tratarem do sufixo – *inus*, consideraram-no "velho sufixo adjetivo que pouco a pouco tende a cair em desuso", vemo-lo bem desenvolvido e expansivo nas línguas românicas, e francamente produtivo em português.

Preferindo-o a outras terminações com que os clássicos designavam a idéia de pequenez, o vulgo romano adotou-o dentre quantas exprimem semelhança ou propriedade em vocábulos como *lupinus*, *caninus* e outros que tais.

Entre os douts eram tais adjetivos empregados com o substantivo *pullus*, fi-lhinho, ao nomearem pequenas crias de animais: *pullus caninus*, filhote de cão ou cãozinho; *pullus asininus*, asninho ou burrinho (este graças à cor avermelhada), etc. Até no tratamento de pessoas se usava tal fórmula: *pullus Antoninus*, sob a influência da idéia de filiação, ou perfilhação. Por isto, historicamente documentado este antropônimo pela designação de *Antoninos* aos reis da dinastia inaugurada em Roma pelo imperador Nerva, que, postergando o tradicional sistema de sucessão, a instituiu por mera escolha e indicação do sucessor.

Seres inanimados dotados de algo que os assemelhasse a bípedes ou quadrúpedes, receberam a desinência em razão da analogia. É o caso de *cadeira*, provida de assento, costas, pés e, em certos casos, braços. Daí *cadeirinha*.

Cumprе notar que se desvaneceu a idéia de concreção, pois o mesmo tratamento tiveram seres impalpáveis:

"– Não dói, não! Sabes que mais, peço-te pelas *alminhas* que me deixes," (T. Coelho, *Os Meus Amores*, 47);

Não fora o método, seria dispensável a citação de substantivos com o sufixo diminutivo propriamente dito; mas afinal é deles que decorre a demonstração. Vejamos, pois, este curioso caso em que, justamente por não ver o objeto, tem-no afetivamente por diminuto o observador frustrado:

"Oh! que noite negra, que invernia brava! *Nem uma estrelinha* pelo céu reluz!" (Guerra Junqueiro, *Os Simples*, 37).

O fato é que, mercê da afetividade, além do apequenamento, o sufixo unge de sentimento como a melancolia a expressão vocabular:

"Meu Deus, que grande remédio para uma hora de melancolia é um *retratinho* assim, de meninos amados, distantes, saudosos." (Rachel de Queiroz, *100 Crônicas Escolhidas*, 206).

Na verdade o sufixo – *inho* se ajusta a palavra ideativa de qualquer classe e surpreende pela versatilidade com que transmite idéias e emoções. Vejam-se estes lances, do substantivo ao advérbio:

"O filho // pediu à mãe que o deixasse ir esperar o pai. Só até a castanheira... Se não via a neve a cobrir tudo! Se não ouvira as Trindades! Tivesse *juizinho*." (Miguel Torga, *Contos da Montanha*, 19);

"...a Sr^a Gandon é realmente uma luva, mas uma luva de pelica, *delicadinha*, fábrica Jouvin." (M. de Assis, *Contos e Crônicas*, 118);

"...ele já alimenta outra idéia, que é requerer a introdução, no ano escuro, de um dia diferente, *unzinho* só, no qual a humanidade celebre os ritos da luz" (Drummond, *Boca de Luar*, 114);

"Ah, disse a moça, você ficou zangado comigo, diga, *ficouzinho*?" (Idem, *ibidem*, 54);

"Mas a Matilde *estava viradinha* do miolo." (Miguel Torga, *Contos da Montanha*, 109).

"Ind' *agorinha* mesmo chegou José campeiro que foi até o paiol." (Coelho Neto, *O Morto*, 234).

Digno particularmente de observação é este caso paradoxal em que o diminutivo aumenta:

"Eu não tenho paciência para estar esperando e quando vem a comida é um *nadinha* no fundo do prato; é preciso a gente ter boa vista para enxergar um bife." (C. Neto, *Turbilhão*, 351);

"Houve as apresentações de cerimônia, e a senhora com um *nadinha* de excessivo desembaraço sentou-se no divã perto de mim." (Raul Pompéia, *O Ateneu*, 21).

O *nada*, que nenhuma coisa valia, passou a valer alguma coisa...

Também não deixa de ser curioso notar que o aumentativo não repele o diminutivo em casos especiais:

"...tenho medo à modéstia de V. Ex^a, como ao orgulho de alguns *homenzarrinhos* da nossa terra. Eles julgam divino tudo o que lhes sai das mãos; V. Ex^a pelo contrário: tudo quanto lhe sai do coração ou do espírito o julga péssimo." (Castilho, *Cartas*, 100);

"De boca mesmo ele não soltava um isso de proposta. Só um suspiro na hora da despedida, um piscarzinho de olho, um *apertãozinho* mais forte de mão, essas coisas." (Drummond, *Boca de Luar*, 58).

*

É notório que crianças e filhotes de animais, principalmente domésticos, recebem normalmente tratamento carinhoso. Do fato resultou a linguagem hipocorística, que utiliza com grande proveito o sufixo diminutivo, de real eficácia na expressão de carinho.

Mais do que pela pequenez da criaturinha que gerou – sangue do seu sangue e projeção de sua alma, – a mãe verdadeira traz do coração aos lábios a terna palavra *filhinho*, quando a ele se dirige, tomada de emoção. O pai não procede diversamente, e a ternura se transfere ao bebê. Este, tão logo lhe vem a aptidão para balbuciar palavras, retribui a doçura do tratamento com igual tonalidade de voz: *Mãezinha! Paizinho!* Transfere-se deste modo, da criança ao adulto, a modalidade afetiva da linguagem. Vejam-se exemplos:

"– *Mãezinha*, cadê a janta?" (R. de Queiroz, *O Quinze*, 37);

"– Já disse a você o que é; cousas de sogra. *Mamãezinha* tem ciúmes de você" (M. de Assis, *Casmurro*, 354);

"– Não, *paizinho*, não! quero ir com você!" (Drummond, *A Bolsa a Vida*, 217);

"– *Papaizinho*, como passou? dizia ela batendo-lhe na face." (M. de Assis, *Contos sem Data*, 19);

"– Minha *filhinha* está a expirar, / disse Jairo a Jesus /; e suplico-te que venhas pôr as mãos sobre ela, para que sare e viva." (*São Marcos*, V, 23);

"Quando a filha está *doentinha* / Vela a mãe à cabeceira; / Nunca achou uma rainha / Tão delicada enfermeira." (G. Junqueiro, *Musa em Férias*, 33);

"– *Queridinha*, disse o comendador à esposa esperemos outra carta, e tu verás a minha inocência mais pura que a de uma criança de berço." (M. de Assis, *Contos Esquecidos*, 94).

Adido ao substantivo, contribui o sufixo para minorar a expressão de ato, coisa ou pessoa:

"Melchior escreveu ao genro que viesse; Sales respondeu que sim, mas que antes disso precisava dar uma *chegadinha* ao Rio de Janeiro, coisa de poucas semanas." (M. de Assis, *Contos sem Data*, 98);

"Só não gostou da notícia o meu tio juiz. Maçada. Incomodarem-no por causa dum *crimezinho* tão á-toa. E tinha razão. O delito do mulato não valia uma casca de ostra." (M. Lobato, *Cidades Mortas*, 81);

"Conceição atravessava muito depressa o Campo de Concentração. Às vezes uma voz atalhava: – Dona, uma *esmolinha*..." R. de Queiroz, *O Quinze*, 44);

"– Ora vê isto, senhora Helena! / diz o pai acerca dos filhos/: vê estes *brutinhos*?! – E com entono, de *palmatória* alta, fazendo-se carrancudo: – Caluda, seus fedelhos" (T. Coelho, *Os Meus Amores*, 122);

"O essencial é que na caixa houvesse algum /dinheiro/... Ao menos *cem mil rëizinhos!* Hã? Pois não teria sequer *cem mil réis*?!" (Miguel Torga, *Contos da Montanha*, 23);

"Têm me aparecido umas *dorzinhas* do lado esquerdo..." (Adolfo Caminha, *A Normalista*, 178);

"...não diria que de vez em quando não se abandonasse a um *excessozinho*" (Eça de Queirós, *Os Maias*, I, 234);

"– Garçon, por *favorzinho*, meu amigo, traz depressa mais uma dose para eu narcotizar minhas potencialidades." (Drummond, *Boca de Luar*, 60);

"Deve-se começar pelo *latinzinho*, deve-se começar por lá... É a base; é a *basesinha!*" (Eça, *Maias*, I, 77);

"Fala tão bonito que a gente vê barrinhas de ouro saltarem da língua dele. Mas é só de *mentirinha*." (Drummond, *Moça Deitada na Grama*, 19);

"A moça insistia, dizendo que era só *um minutinho* e que ele, dono, bem podia abrir uma exceção para ela, por se tratar de caso de urgência" (Idem, *Luar*, 63);

"A senhora pode me dizer o tamanho dele? – Vi *um só momentinho*, acho que tem uns noventa milímetros de comprimento e outros tantos de rabo." (Idem, *ibidem*, 14);

"Aqui já os pequenos têm a sua *obrigaçõzinha*, os seus deveres a cumprir, as suas coisas..." (T. Coelho, *Amores*, 121);

"Margarida não sentiu, para com a irmã, nenhum desses *odiosinhos* feminis, que em tantas tempestades se desencadeiam às vezes." (Júlio Dinis, *As Pupilas do Senhor Reitor*, 118);

"O assunto /História da Terra? é magnífico, – e depois, que diabo! uma *penitenciazinha* de vez em quando, por amor à ciência..." (M. Lobato, *Cidades Mortas*, 89);

"– Queria *um recibinho*, se *lhe não* custa, reverendo senhor abade." (C.C. Branco, *Prazins*, 67);

"Verdade é que o nosso Voltaire – sempre brincalhão e sarcástico, – ao passo que *lhe* teceu grandes louvores, fez um *reparozinho* de má língua." (M. de Assis, *Crônicas*, 22 51-2);

"É uma vidinha cansada, esta de guarda-livros." (Adolfo Caminha, *A Normalista*, 176).

*

Como desinência de qualificativo atribuído a pessoa de estima, tem – *inho* a virtude de abrandar o rigor por ele expresso, conforme o demonstram as seguintes passagens:

"– Esta pequena sabe tudo! – Quase tudo, emendou Helena; ignoro, por exemplo, como *lhes* hei de agradecer... – O quê, *tontinha?* interrompeu a tia." (M. de Assis, *Helena*, 3, 124);

"Aí vais rir, minha *cruelzinha*, destas confidências; tu que não amas, vais zombar de mim que não me alistei nas bandeiras do amor." (Idem, *Contos Recolhidos*, 236);

"Gosto de você... até nem sei por quê. Mas fico por conta vendo você tão *ignorantezinha* em poesia, que para mim é o máximo." (Drummond, *Poder Ultra-Jovem*, 14);

"Quem havia de dizer que aquela *sonsinha* da Margarida... – observou o tendeiro." (J. Dinis, *Pupilas*, 326).

*

Uma das mais apreciadas aptitudes do sufixo – *inho* consiste em suprir deficiência de grau intermédio ao normal e ao superlativo sintético. *Doentíssimo*, por exemplo, é demasiado forte para se enunciar um estado, que, não obstante anormal, pode não ter a gravidade que faz supor. Analiticamente se costuma dizer *meio adoentado*, *um tanto doente* ou locução desta guisa. Ora, o sufixo convém à síntese: *doentinho*. A sua capacidade supletiva, acrescida do tom afetivo, é comprovada na prática em construções como estas:

"Sede felizes, e não deixeis estar ali tão *acabadinha* a vossa Mariana." (C.C. Branco, *A Bruxa de Monte Córdova*, 208);

"Deixe passar mais uns meses, e vê-lo-emos *coradinho* como uma pitanga." (M. de Assis, *Contos sem Data*, 59);

"...nem mais um abraço / da amada/ ao voltar da escola, *cansadinha*, o rosto afongueado pelo calor" (Adolfo Caminha, *A Normalista*, 23);

"Vá-se sentar, e brinque *caladinho* que a Badinha quer ler." (R. de Queiroz, *O Quinze*, 101).

"– Bons dias, tia Rosa. Então como vai lá o seu velho? Fero e rijo, hein? – Muito agradecida a V. Ex^a. Está *fraquinho* ainda, e por isso..." (J. Dinis, *Pupilas*, 124);

"– Tu é que estás *magrinha*; estou te achando tão abatida, tão pálida..." (A. Caminha, *A Normalista*, 176);

"E quando dizia isto o seu rosto *miudinho* e muito pálido todo se iluminava de prazer e sorria de íntima gratidão." (T. Coelho, *Amores*, 113);

"– ...fica *nervosinho* não, eu agora estou sentindo que o que você falou é uma graça, boca de luar é legal" (Drummond, *Boca de Luar*, 54);

"Elas sabem de tudo, vêem aquilo que, cá de baixo, na confusão, uma criança só pode perceber se ficar de olhos arregalados, *quietinha*." (Idem, *A Bolsa a Vida*, 215);

"A garota sentou-se *tristinha* no patamar de entrada" (Idem, *ibidem*, 193).

*

Além de superlatividade, exprime o sufixo idéia de exaço ou plenitude, em que se apresenta completo ou perfeito o ato ou estado que se enuncia. É o que nos deparamos textos como estes:

"Olhou /Sofia/ em volta de si, mirou a alcova de solteira, *arrumadinha* com arte – dessa arte engenhosa que faz da chita seda e de um retalho velho uma fita...." (M. de Assis, *Borba*, 6, 88);

"– Você está com trinta e quatro /anos/, não? – Feitos. – Ela tem vinte e oito; estão mesmo *ajustadinhos*." (Idem, *Contos e Crônicas*, 64);

"um bentinho que um industrioso lhe vendera e mediante o meu amigo iria *direitinho* ao céu... por um tostão." (Idem, *ibidem*, 188);

"– E sabem por que é que as moças elogiaram vocês? Foi por ver que iam amigos, *chegadinhos* um ao outro." (Idem, *Esau e Jacó*, 8, 74);

"em todos estes sonhos andamos *unidinhos*" (Idem, *D. Casmurro*, 7, 39);

"Decididamente este não me escapa, *tenho-o seguro*... Vai todas as noites à nossa casa, como vês, está *caidinho*..." (Adolfo Caminha, *A Normalista*, 41);

"Sentia muito que o Zuza não se *demorasse mais* algum tempo, mas, enfim, como esperava em breve *tornar a vê-lo formadinho*, com o seu título de bacharel, 'dando sorte' na *capital* cearense, que diabo!" (Idem, *ibidem*, 187);

"As frases iam pingando no papel, *umas traziam* as outras, e no fim lá estava aquela *prosa medida, certinha*, que me enjoava." (Graciliano Ramos, *Angústia*, 43);

"...católico, à *menor tolice que faz lá vai ajoelhar* no confessionário, e tem que explicar *tudo direitinho* ao céu... por um tostão." (R. de Queiroz, *100 Crônicas*, 202);

"Lembrava a inocência *com que ela lhe saltava* nos joelhos, o tempo em que a tomava nos braços, *nuinha* e tenra, como um querubim-menina" (J. Américo de Almeida, *A Bagaceira*, 214);

"A mocidade vai perdida; *perdidinha!*" (Alexandre Herculano, *O Monge de Cister*, I, 291);

"Pôs-se Joana a olhar para eles ambos, com ar de contentamento, dizendo depois em voz alta: – Não que parece que foram mesmo *talhadinhos* um para o outro." (J. Dinis, *Pupilas*, 371);

"*Acabadinhos de sair* das garras da Junta, armaram tamanha guerra na Sainça que só faltou tocar os sinos a rebate." (Miguel Torga, *Contos da Montanha*, 34);

"Sou tão funcionário como outro qualquer, e até mais. Veja por exemplo esses que estão por aí *vivinhos* e não comparecem à repartição nem sequer para provar que não morreram." (Drummond, *A Bolsa & a Vida*, 200).

*

Como se não bastasse a intensidade que lhes transmite o sufixo, essas expressões se apresentam não raro reforçadas por partículas intensivas, que as aproximam ainda mais do superlativo:

"...o jansenista não admitia a simultaneidade das duas naturezas, ao passo que elas aí estavam *bem juntinhas*" (M. de Assis, *Cubas*, 260);

"Talvez o que aí fica saia *muito curtinho* depois de impresso." (Idem, *Diálogos e Reflexões de um Relojoeiro*, 56);

"Rubião ficou a ouvir os cavalos das ordenanças, *tão iguaizinhos*, tão distintos, apesar do estrépito dos outros animais." (Idem, *Quincas Borba*, 220);

"...agora expulsa de casa, e *tão pertinho* da sepultura já!" (Fialho de Almeida, *País das Uvas*, 177);

"a bem dizer, já cá tenho o meu plano que há de cair *tão certinho* como São João a 24" (Franklin Távora, *O Cabeleira*, 5);

"Não tenho eu vivido até hoje *tão solteirinha* como no dia em que nasci?" (Aluísio Azevedo, *O Homem*, 52).

Originais são locuções que se vulgarizaram como reforço de tais qualificativos:

"Quando a gente via, na esquina, três ou quatro sujeitos *encostadinhos da silva*, com fuzis nos olhos e *petrópolis* na mão, não jurava que eram três ou quatro secretas?" (M. de Assis, *Crônicas de Lélío*, 45);

"Vê-lo agora surgir, *sãozinho da silva*, foi um abrir de boca e um pasmar à vila inteira." (M. Lobato, *Urupês*, 132);

"A sua própria velhice é uma novidade acrescentada ao *novinho em folha*, das pinturas" (R. de Queiroz, *100 Crônicas*, 95);

"Por isso mesmo /o Estado do Rio/ vai ser espanado, lavado, retocado, cromado e posto em funcionamento como estado *novinho em folha*." (Drommond, *Moça Deitada na Grama*, 35).

*

O sufixo – *inho* é ainda um reflector de satisfação devida a ganho, lucro ou conquista, afinal, de algo desejável ou esperado, tal qual o indicam estes lances:

"Ele é verdade que ia vender as reses envenenadas, que receberia por elas *um cobrinho*, compraria um burro, talvez dois, //mas é certo que não as ia vender em Sorocaba." (M. de Assis, *Crônicas de Lélío*, 261);

"Cada qual corre com o escudelho da família para receber uma *porcentagenzinha* de sensações." (Idem, *Ibidem*, 240);

"Devo agradecer ao céu a fortuna que me deu. *Um pratinho melhor à mesa*." (Idem, *Outras Relíquias*, 33);

"– Mas o *dinheirinho* no fim do mês não se enjeita, esse nem por ser brasileiro, fede." (Graça Aranha, *Canaã*, 220);

"Quem se guia pela rotina sempre salva o seu *lucrozinho* e vai indo para a frente, embora devagar." (M. Lobato, *Jeca Tatu*, 272);

"bom ordenado, comida com fartura, seu copo de vinho ao jantar e daí até, quem sabe? talvez seu *vestidinho* de vez em quando..." (Aluísio Azevedo, *O Homem*, 73);

"Batista anunciou Vilaça, que lhe vinha falar de uma venda de montados no Alentejo, pertencentes à sua legítima. – *Negociozinho* – disse o administrador, pousando o chapéu a um canto da mesa e dentro um rolo de papéis – que lhe mete na algibeira para cima de dois contos de réis..." (Eça, *Os Maias*, I, 314).

*

Carinho tem por origem o latim *carus*, caro, que, com o significado de querido, inclusive, passou ao português. Vê-se que lhe foi aditado o sufixo – *inho*. Nenhuma palavra, portanto, mais adequada à designação do sentimento de ternura na linguagem hipocorística. Mas além de pessoas da família e outras benqueridas, recebem este tratamento afetivo as que pela carência ou situação aflitiva são dignas de comisseração. Seguem-se exemplos:

"O pequeno chorava mais. – É fome, *coitadinho!* – disse a Sr^a Joaquina." (T. Coelho, *Amores*, 272);

"*Descalcinha* e pobre, mas sem ar mendigo, / nada mais esvelto, mais encantador!" (G. Junqueiro, *Os Simples*, 30);

"Mas também há almas, *pobrezinhas* delas! / Que à romagem d'oiro não acodem já!" (Idem, *ibidem*, 66).

"o *desgraçadinho*, limpando maquinalmente as pálpebras molhadas, recomeçava a gemer, estendendo a *mãozinha* mirrada como a pedir esmolas" (C. Neto, *O Morto*, 204);

"Angélica fugiu desta casa, à conta de a quererem casar com um brasileiro, e foi *desgraçadinha* lá por esse mundo." (C.C. Branco, *A Bruxa*, 206).

"A virtuosa pobre tinha santidade de ver o futuro, e para logo adivinharam que a *doentinha* morreria." (Idem, *ibidem*, 203);

"Pedi uma esmola a esses senhores; e, se vo-la derem, ide comer alguma coisa mais substancial, e assim dareis melhor sangue a estes *enfezadinhos*." (Idem, *ibidem*, 224).

*

Outrossim despreensão ou modéstia pode revelar o sufixo, no falar de pessoas comedidas:

"Muito bons dias. Lá de casa mandam dizer que aqui está a *encomendinha*." (T. Coelho, *Amores*, 119);

"– Daqui a uma semana o senhor vai lá em casa e conhece /Aí da Isabel/. Damos uma *reuniãozinha*, bebe-se um chope." (Drummond, *A Bolsa & a Vida*, 18);

"– Conceição, minha filha, manda fazer café e traz um *calicezinho* de licor para Vicente." (R. de Queiroz, *O Quinze*, 62);

"– Meu senhor, uma *esmolinha* por amor de Deus!" (M. de Assis, *Esau e Jacó*, 8, 235);

"Sei que é inteligente e lido; há de me dizer francamente o que pensa deste *trabalhinho*." (Idem, *Contos e Crônicas*, 73).

O pedido do pobre pode ter segunda intenção: insinuar que não é difícil dar, quando nada, pouco...

*

A apreciação dos casos em que se desdobrou o sufixo diminutivo, passando a exprimir emoções as mais variadas, mostra a dificuldade de ser ele metodicamente ordenado. Tenha-se patente que o mesmo vocábulo, tal seja a situação, pode apresentar sentidos de todo opostos, aqui propício, ali depreciativo:

"A mamã mandou à *mulherzinha* não sei quantos cruzados novos" (C.C. Branco, *A Bruxa*, 221);

"A preta apanhou uma sova que não lhes digonada: ficou em sangue. Que a tal *mulherzinha* era das arábias!" (M. de Assis, *Contos Esquecidos*, 257).

Artimanha ou malícia reflete-se em advertências como esta:

"Já as mulheres pegavam no menino, – aconchegando-o com mil carinhos. E o José Grilo da porta: – Então vem ou não vem?! E quando depois chegaram as mulheres: – *Com jeitinho*, hem?" (T. Coelho, *Amores*, 273).

Algo de resignação vislumbra-se aqui:

"tendo perdido um anjo que Deus me deparou por mulher, vim viver, neste *cantinho*, disposto a não pedir nem dar nada aos homens." (M. de Assis, *Contos Recolhidos*, 40).

Semelhantemente transparece neste lance o sentimento de conformação:

"– Eu falei por falar. Se fosse possível, um *ordenadozinho* que desse para a roupa." (G. Ramos, *Angústia*, 50).

A ironia não deixa de manifestar-se:

"– E tu não negues, que negas a Cristo! O meu homem é um *santinho*!" (T. Coelho, *Amores*, 268 e 271).

Assaz profusa é a ocorrência de textos em que contribui vantajosamente o sufixo dito diminutivo para denotar depreciação:

"Que se inspirasse Shakespeare com Laffitte, Milton com Chateau-Margot, o chanceler Bacon que se diluísse no melhor Borgonha... e veríamos os acídulos *versinhos*, os destemperados *raciocininhos* que faziam." (A. Garrett, *Viagens*, 61);

"Um *requerimentinho* esgaldado, relativo a não sei que contas da câmara municipal, fez-lhe um discurso análogo ao ato." (M. de Assis, *Crônicas de Lélío*, 17);

"Cada *gloriazinha* oculta picava o ovo, e punha a cabeça de fora, olho aberto, sem penas, em volta da glória máxima do Rubião." (Idem, *Borba*, 6, 147);

"Palha já não resistia ao desmoronamento do capital; e, se uma ou outra vez, dizia alguma *palavrinha* frouxa, agora entregou-lhe o dinheiro com indiferença." (Idem, *ibidem*, 247);

"Conheço essa *gentinha*... oh! se conheço!" (Coelho Neto, *Turbilhão*, 283);

"– A senhora já viu? A tal *sujeitinha*... nem para agradecer o que fiz pela mãe... como se eu tivesse obrigação." (Idem, *ibidem*, 363);

"...e com aquele *caraterzinho* orgulhoso e cheio de intransigência, se não casar quanto antes, irá sofrer muito" (Aluísio Azevedo, *O Homem*, 42);

"Você pensa que minha terra, não sendo marítima, tem um *punhadinho* à-toa de ilhas? Está muito enganada." (Drummond, *Boca de Luar*, 50);

"Broto, não faz unha de mulher, que é *fominha*, faz unha de homem." (Idem, *A Bolsa & a Vida*, 132).

*

A pesquisa de material pertinente à evolução do sufixo *-inho* revela que são indefiníveis os limites da expansão que ele vem atingindo. Atesta, além disto,quão valiosa é a contribuição de que se beneficia a linguagem, especificamente no que toca à enunciação de idéias tangidas de emoção.

O rol de exemplos aí desdobrado, ainda que reduzido, tem autoridade bastante para obstar a temeridade dos que, precipites, mal agouraram a avezinha que julgaram implume e que, todavia, alçou vigorosa o seu vôo para a imensidão...
